

95.0981

A. JACEGUAY

O DEVER DO MOMENTO

CARTA A JOAQUIM NABUCO

RIO DE JANEIRO

Typ. LEUZINGER — rua do Ouvidor 31 & 36

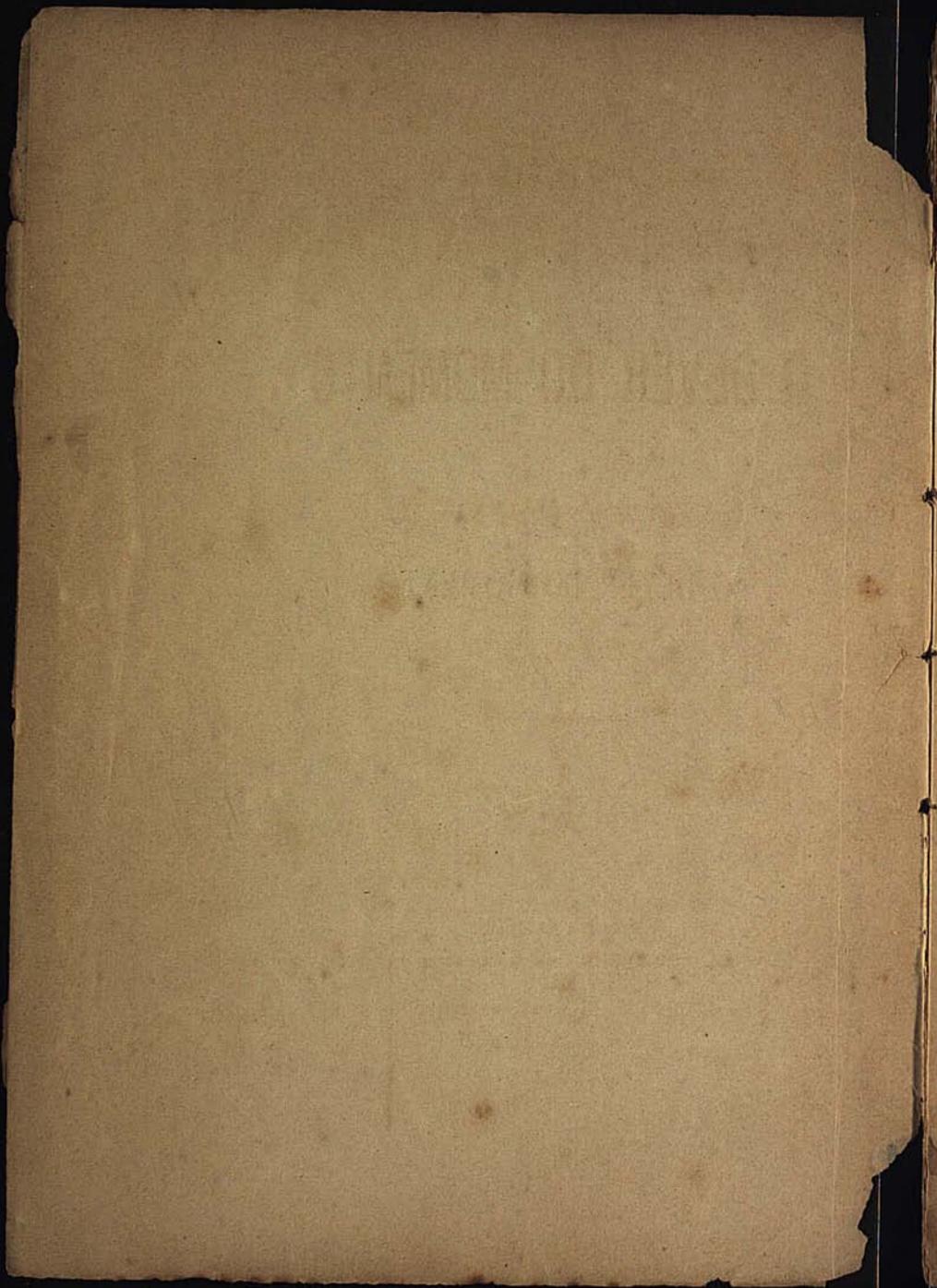
1887

1897

19
c
37

19
57

O DEVER DO MOMENTO



A. JACEGUAY *Arrota, Arthur de Azevedo de*

O DEVER DO MOMENTO

CARTA Á JOAQUIM NABUCO

RIO DE JANEIRO

Typ. LEUZINGER — rua do Ouvidor 31 & 36

1085

1897

2741

UNIVERSITY OF MICHIGAN

LIBRARY

ANN ARBOR, MICHIGAN

O DEVER DO MOMENTO

À JOAQUIM NABUCO.

A obra de D. Julio Bañados Espinosa suggeriu-vos esse livro cheio de interesse, — Balmaceda — que acabo de relêr com o immenso prazer intellectual que me proporciona tudo que escreveis ; o post-scriptum que lhe accrescentastes, por seu turno, suggeriu-me esta carta que peço permissão para vos dirigir aberta.

Vou fallar-vos em nome de nossa amizade, que eu considero indestructivel, e como marinheiro, de que conservo o coração, com «essa incompreensão», que justamente attribuis aos homens do mar, «de tudo que divide o paiz, e do amor

a tudo que o une», sob a dolorosa impressão da hecatombe de Campo Osorio...

Sobre o texto de vosso admiravel estudo só arriscarei uma observação : se, abstrahindo inteiramente, como fizestes, da historia do Chile anterior á 1833, chegastes, pelo desenvolvimento da ultima revolução, á conclusão de que, «ninguem duvidará hoje da capacidade do Chile para a Republica, nem do bem que a fôrma Republicana fez ao Chile, da escola de educação, de influencia sã, varonil, patriótica, que foi para elle», não podeis, logicamente, das vicissitudes por que temos passado nestes ultimos annos, e que não são mais crueis do que as que experimentou o Chile até 1833, e mesmo até 1861, excluir a possibilidade de que o Brazil venha a auferir identico resultado da fôrma actual de governo que os acontecimentos lhe impuzeram.

Quanto ás vossas apreciações, sobre

o odioso do papel do protagonista da tragedia chilena, estamos inteiramente de accôrdo.

Sem profanardes o embalsamamento, feito por mão insigne de um amigo, o que repugnaria á vossa delicadeza de sentimentos, tomastes do escalpello de analysta emerito, levantastes o esmalte que encobria as deformidades do cadaver e nos apresentastes o politico implacavel com a physionomia real que elle contrahira na ultima phase de sua vida publica.

Mas confesso que deixou-me penosa impressão a descrença que se apoderou de vosso espirito sobre o futuro do nosso continente, sinistramente manifestada nesse terrivel problema que formulastes para toda a America latina, considerando-a tão fóra da civilisação como a Africa.

E' realmente contristador o espectáculo «de um vasto continente em es-

tado permanente de desgoverno e anarchia»; mas, eu não julgo que seja mais consoladora, do ponto de vista da Moral Universal, a situação da Europa, onde a integridade e a propria independencia das nações só se mantêm com os povos de arma ao hombro.

Onde será mais lastimavel o «desperdicio de força e actividade humana?»

Já outro escriptor, por quem ambos temos grande admiração, Eduardo Prado, rematára o seu vigoroso pamphleto. «A Illusão Americana» com um brado de pessimismo, que eu não julgaria justificado ainda mesmo que o notavel publicista e humorista o tivesse escripto depois do violento confisco do seu livro.

Porventura a Europa terá mais interesse do que nós mesmos na tranquillidade politica do nosso torrão?

Mas, primeiro que tudo, dizei-me : onde está a Moral Universal? Em que ponto da Terra está situada a moderna

Samothracia? Estará na Europa ouriçada de bayonetas e minada pelo socialismo? Estará na America do Norte onde a questão social assume um character ainda mais aterrorador do que no velho mundo e onde o antagonismo de raças se accentua cada dia mais fortemente?

Considerais devéras mais felizes do que nós os povos do velho continente?

Em relação ás classes privilegiadas e á alta e baixa burguezia, com certeza podeis responder-me affirmativamente; mas, em relação á massa das populações, ao proletariado, não podeis negar que os males resultantes da turbulencia em que vivemos são muito mais supportaveis dos que os inherentes ao incuravel pauperismo europêo; e a prova é que esta metade do Novo Mundo, apesar dos seus «governos extortores» ainda é o refugio de meio milhão de immigrants que annualmente aportam ás suas plagas.

Lembrai-vos de que, não ha muitos annos, Mr. Gladstone denunciava á opinião publica universal as abominações que se estavam perpetrando na Bulgaria e que a guerra tremenda, suscitada pelo brado do grande estadista inglez, não impediu que identicas atrocidades se tenham reproduzido, recentemente, na provincia da Macedonia e na Armenia.

Não sou «chauvinista» da minha terra e muito menos «monroista», no sentido aliás erroneo em que é interpretada vulgarmente a doutrina de Monroe; por indole e pela natureza de minha profissão, que me fez passar mais de metade de minha existencia viajando, e como estrangeiro só tendo participado do lado agradavel da vida nos paizes que visitei, não posso ser nativista exagerado; mas, declaro, sem affectação de patriotismo, que, com a minha experiencia, se eu tivesse de escolher uma patria outra não escolheria senão este mesmo Brazil,

porque, apesar de todas as incertezas de seu futuro, ainda será por muito tempo o paiz onde os desherdados da fortuna serão menos desgraçados.

Sou o homem da minha raça : tanto basta para que eu não a julgue inferior a qualquer outra.

Ha menos de 30 annos os viajantes, os geographos e os publicistas do occidente consideravam os japonezes uma raça desprezível, e neste curto lapso de tempo esse povo está nos assombrando pelo seu poder de assimilar tudo quanto tem de mais requintado a civilização européa, nas lettras, nas sciencias, nas artes, nas industrias e até nas instituições politicas.

Estudadas as origens ethnologicas e sociologicas dos povos sul-americanos e o meio physico em que elles se desenvolveram, eu creio que a média de moral e civilização que delles se póde tirar presentemente não é para nos envergonhar.

A historia de todas as civilisações é como a formação dos rios : antes de acharem o seu leito são torrentes errantes que se precipitam, se cruzam, se chocam, se apertam, se espraíam, ora percorrendo largos trechos com apparencia de um curso normal para irromperem subitamente através das alluviões em direcções divergentes, antes de confluirem para o valle em que encontram afinal o seu alveo definitivo.

Os ribeirinhos do Amazonas ou de qualquer dos seus affluentes não teriam razão de lastimar-se por não ser exequível em suas margens a construcção de um cães monumental como o Victoria Embankment do Tamisa ou uma ponte maravilhosa como a de Nova-York e Brooklyn.

Alguns homens podem, por seus talentos, por sua educação, pela elevação de seus sentimentos, por sua cultura intellectual, achar-se muito acima.

da média dos seus conterraneos ; a esses cabe o apostolado moral de sua patria ; mas, para isso, é preciso que elles sejam homens de « seu tempo », de « sua terra » e de « sua gente », certos de que a historia lhes registrará os sacrificios do sacerdocio patriótico.



Até o anno de 1889 convivemos no mais perfeito accôrdo de vistas sobre todas as questões politicas e sociaes que se ventilaram no paiz.

Os acontecimentos dos ultimos annos, porém, orientaram meu espirito para rumo divergente daquelle em que o vosso parece ter-se fixado.

Honra-vos sobremaneira a vossa fé monarchica ; e é em homenagem á valentia com que a professais que eu vos dirijo esta missiva em que, com a sinceridade das nossas confabulações amis-

tosas, proponho-me expor como se formou em mim a convicção de que a monarchia não podia ser a forma definitiva de governo no Brazil.

E' á propria instituição monarchica que se pôde applicar, com inteira propriedade, a metaphora por vós citada de J. J. da Rocha: da fruta que apodrece antes de amadurecer por causa do verme que á ella se liga desde que nasce.

O descendente dos reis do velho mundo, que representou a monarchia por mais de meio seculo no Brazil, não se tornou porventura, no meio americano, um homem em tudo differente de qualquer outro príncipe reinante?

Por suas idéas, por seus gostos, por seus habitos, pela sua inobservancia systematica de todas as etiquetas das côrtes regias, por suas ausencias prolongadas do paiz, elle foi um monarcha verdadeiramente original.

Se é certo que a pessoa de D. Pe-

dro II impunha-se á veneração das massas, não o é menos que ao soberano não tributavam as atenções, a que tem direito o príncipe que occupa dignamente um throno, nem mesmo os homens políticos que deviam ter mais interesse em prestigial-o.

Os estadistas que haviam recebido a investidura da confiança imperial para resolverem as grandes questões politicas e sociaes que se agitavam no paiz, no mesmo dia em que eram apeados do poder descobriam a corôa com a brutalidade de revolucionarios que nunca tivessem tido uma particula de responsabilidade do governo.

Os principes da casa reinante eram tratados pelos ministros com ostentosa sobrançeria. O Conde d'Eu e o Duque de Saxe, aquelle marechal do exercito e este almirante, demittiram-se de commissões em que procuravam servir ao paiz, porque os ministros não lhes pre-

stavam a consideração devida á sua dignidade de principes e ás altas patentes com que haviam sido « dotados », aliás pouco judiciosamente pelos poderes competentes da Nação.

O Senado vitalicio do Imperio, composto em sua maioria de cidadãos que exerciam, ou já haviam exercido, as mais elevadas funções politicas e administrativas, degenerára em uma corporação facciosa, como as mais desorientadas assembléas de origem demagogica.

Nas duas casas do parlamento os oradores mais solemnes da opposição tornavam-semeticulosos na discussão da lista civil da familia imperial.

Rara era a sessão parlamentar em que as dotações dos principes não soffressem impugnação.

Queriam monarchia barata: principes com a mesada de 500\$ já lhes pareciam demasiado caros.

Essa parcimónia com os membros

da familia reinante dava logar a achar-se a casa imperial sempre endividada, o que não podia deixar de affectar o prestigio da corôa.

No dia 16 de Novembro, quando o Imperador submetteu-se á deposição e ao exilio, tal era a penuria da casa imperial, que ella teve de recorrer ao Governo Provisorio para que lhe mandasse abonar a dotação do Imperador correspondente á quinzena vencida.

Para os Catões da monarchia o Imperador não era mais do que o official-maior do funcionalismo publico. Consequente com esse principio, o governo revolucionario fixou as vantagens da aposentadoria forçada do monarcha.

O exercito, já pela procedencia dos soldados, recrutados nas camadas infimas da população, já pela negação absoluta de espirito militar no Imperador, á ponto de ser o unico chefe de nação que não tinha uma casa militar, o exercito não

podia ter em gráu exaltado o sentimento de fidelidade ás instituições.

A lavoura revoltada, desde as primeiras medidas legislativas adoptadas para a extincção gradual da escravidão, appellava para a immigração, cujo problema, com o exemplo da Argentina e Estados Unidos, ella via que não estava ligado á instituição monarchica.

O commercio, embora por sua natureza conservador e interessado na estabilidade das instituições, sendo em sua maior parte estrangeiro, pouco podia pesar na balança da politica.

Para o proletariado, disseminado pelo nosso vasto territorio, fóra das grandes cidades, onde está muito misturado com o elemento estrangeiro, os principios de estabilidade do poder e da autoridade estão encarnados no magistrado e no delegado de policia.

Ora, a mudança de fórma de governo não acarretando necessariamente

senão a substituição immediata da autoridade policial, não era motivo para alarmar o bom cidadão do interior, já muito acostumado a ver a vara da delegacia passar de umas para outras mãos.

O clero, apesar do fervor catholico da herdeira do throno, ainda não estava esquecido de que na monarchia era possível a prisão de Bispos virtuosos, por uma questão de « hyssope ».

Em uma unica classe, na Armada, havia sinão a fé monarchica, ao menos o sentimento de fidelidade ás instituições que nella era tradicional.

Mas, em estado de completa desagregação disciplinar, effeito inevitavel da dispersão em que se conservava a força naval, como poderia a corporação da armada, abandonada á si mesma, ter affirmado a sua lealdade, por occasião da revolta que em algumas horas fez desaparecer os órgãos legitimos do poder, deixando estendido no Campo,

varado de balas o intrepido almirante
Ministro da Marinha?

Não ha negar que a monarchia não
pôde gerar no povo brasileiro os senti-
mentos, que são as mais fortes raizes de
uma instituição destinada a perdurar.



A monarchia só teve estabilidade
emquanto durou a escravidão: esta havia
sido seu lastro.

Nós todos que nos batiamos para
arrancar do porão a carga humana e
fazel-a respirar o ar livre, não nos aper-
cebiamos que expunhamos o navio a
sossobrar á primeira rajada.

Eu não duvido que o advento da
Republica na historia, seja explicado,
como o é por alguns contemporaneos,
pela fraqueza do character nacional, mas,
se o assumpto tiver para tratal-o um fu-
turo Taine não lhe escaparão todas as

circunstancias concretas, demonstrativas da fragilidade da monarchia unitaria do Brazil.

Os seis annos decorridos, porém, já bastam para voltarmos á nós do assombro que o acontecimento possa ter nos causado.

O *porque* da revolução póde ser ainda uma questão complexa e controversa, mas o *como* ella se operou já se póde explicar sem opprobrio para os contemporaneos.

Com o desequilibrio social produzido pela abolição da escravidão coincidiram as primeiras manifestações de descontentamento do exercito tão habilmente explorado pelos republicanos, quão desastradamente tratado pelos partidos monarchicos, quer do Governo, quer da opposição.

Por outro lado, ao passo que a atmospheria politica era agitada pela propaganda federalista que dividia o partido

que acabava de subir ao poder, propalava-se, com todos os indícios de verdade, que o paiz estava sendo victima de uma mystificação, por ter, de facto, começado o terceiro reinado, em consequencia do estado morbido do Imperador que o alhejava da direcção dos negocios publicos.

A grande massa da população mantinha-se em sua inercia habitual. Para ella é sempre verdadeira a maxima do Sr. Silveira Martins—o poder é o poder.

Ella imagina que o detentor do governo não póde deixar de estar apparelhado com todos os meios de se sustentar no poder e de manter a ordem institucional da Nação.

Como, pois, extranhar que a sorpresa da Republica Federativa, proclamada pelo exercito e armada, não suscitasse mais do que manifestações sentimentaes pelo triste fim do reinado de um justo?

O facto mesmo de ter sido a revolução operada pela força publica, não era garantia de que o paiz não teria de soffrer um interregno de anarchia ?

Nas classes cultas o berço do quartel podia gerar sérias apprehensões sobre o futuro da Republica; mas occorria a consideração da vastidão do territorio nacional e do effectivo diminuto do exercito, em relação á população, e, para logo, dissipavam-se os receios de que o militarismo pudesse demolir a estrutura essencialmente civil da nação brasileira.

Leio e releio a historia de todas as revoluções que, pelo imprevisto do movimento e do resultado, apresentam analogias com o 15 de Novembro de 1889 no Brazil, e não vejo que o povo, nos paizes em que ellas se produziram, tivesse tomado uma attitude mais digna e mais sensata do que foi a do povo brasileiro diante daquelle acontecimento.

Um republicano exaltado que tomára parte activa no 15 de Novembro, vingou-se de não haver o povo desta Capital acclamado a Republica naquelle dia, dizendo que elle ficára « bestializado ».

Para os observadores imparciaes, porém, o povo da Capital longe de ter ficado naquelle estado animal degradante, deu, ao contrario, prova de raro bom senso.

Não se podia esperar que o povo se arremessasse contra as baionetas do exercito, ou tentasse apoderar-se, por abordagem, dos navios da armada, quando os representantes dos Poderes da Nação não puderam agir em defesa da monarchia, senão pelas fórmulas constitucionaes: o ministerio demittindo-se e o Imperador designando novo Presidente do Conselho (um senador ausente).

O Senado em sessões preparatorias não podia manifestar-se sobre os acontecimentos, sem infracção da legalidade

constitucional, segundo declarou o seu illustre Presidente.

A camara dos deputados ainda não tinha verificado os poderes de seus membros.

Não tenho em mente censurar o procedimento dos detentores dos Poderes Publicos, assignalo apenas, em defesa do povo de que eu fazia parte, o facto inludível do Poder Militar, assumindo o Governo, forte pela união de toda a guarnição e corpos de policia da Capital com a força naval surta no porto, de modo a tornar insensata qualquer tentativa de reacção immediata.

Como monarchista, que eu era, não tenho que defender-me pessoalmente, pois em 1889 já me achava reformado, havia mais de dous annos, e era apenas um simples cidadão.

Não obstante, na noite de 15 de Novembro, apresentei-me ao Imperador e disse-lhe que, apesar de já não pertencer

à Armada senão pela minha graduação de reformado, eu que tantas vezes tinha ido áquelle Paço para saudal-o nos dias festivos da Nação e da familia imperial, não podia deixar, naquelle momento, em que eu via as instituições ameaçadas, de ir pôr-me á sua disposição. O Imperador agradeceu-me, dizendo me que apreciava muito os meus sentimentos, mas, com a serenidade que conservou toda aquella noute, procurou dissipar as minhas apprehensões.

Observei-lhe que o perigo me parecia tanto maior por elle não haver immediatamente organizado novo ministerio e sobre tudo por ter designado para Presidente do Conselho o Sr. Silveira Martins, que, além de achar-se ausente era um inimigo pessoal do Marechal Deodoro, quando a mim me parecia que a catastrophe só podia ser conjurada se o Imperador quizesse entender-se directamente com o chefe militar da revolta.

O Imperador pareceu aceitar a prejudicial que eu estabeleci a respeito do Sr. Silveira Martins; quanto ao alvitre de entender-se com Deodoro, julgava-o impolítico, pois estimando muito aquelle general pela sua bravura e seus serviços tinha em pouco apreço a sua intelligencia e o seu criterio.

Conservei-me no Paço até ás 2 horas da manhã, renovando ao Imperador o offercimento de meus serviços, quando elle se recolheu a seus aposentos.

No dia 16, pela manhã, voltei ao Paço onde já não me foi permittido entrar.

A' noite fui intimado a comparecer no Quartel General. Introduzido em uma sala onde se achavam reunidos todos os Membros do Governo Provisorio disse-me, com extrema delicadesa, o Ministro da Guerra Benjamin Constant, que me havia dado aquelle incommodo, porque recebera durante a noite varias denuncias de que eu preparava, entre officiaes de

marinha e imperiaes marinheiros, um movimento de reacção; fallou-me em esca-leres armados que se haviam approxi-mado do Largo do Paço e em uma lancha que apparecera em S. Christovão, não longe do Quartel em que se achava preso o Sr. Visconde de Ouro Preto e referiu-me as ordens que havia dado para o caso de qualquer tentativa violenta de o arrebatarem da prisão.

Invoco o testemunho dos Srs. Quin-tino Bocayuva, Ruy Barbosa e Wandenkolk para as declarações que alli fiz e que vou reproduzir quasi «*ipsis verbis*», porque as escrevi no dia seguinte.

Eis as declarações: «*que eu era estranho aos incidentes a que alludira o Ministro da Guerra, mas, que os Membros do Governo Provisorio faziam-me justiça acreditando que, se eu tivesse podido organizar uma resistencia séria á inversão das instituições operada pelas classes armadas eu o teria feito; mas que sor-*

prendido pelo acontecimento, afastado do serviço activo havia mais de quatro annos e reformado desde 1887, dispersos, como se achavam, os officiaes de marinha mais prestigiosos que me eram pessoalmente dedicados, quasi desconhecido da nova marinhagem, tendo sido o meu ultimo commando o da Esquadra de Evoluções, em 1884, e ainda o facto de ter tomado parte activa na revolução o almirante Wandenkolk, incontestavelmente o chefe mais popular entre os jovens officiaes da armada, era fazerem-me demasiada honra o attribuirem-me influencia e elementos na Armada, com que eu podesse tentar uma contra-revolução.

Manifestei a dôr profunda que me havia causado vêr o velho monarcha prisioneiro do exercito em seu palacio, e invoquei os sentimentos dos membros do Governo Revolucionario, para que lhe poupassem e á toda a familia imperial durezas desnecessarias. »

Nesse ponto atalhou-me o Sr. Quintino Bocayuva para dizer que o isolamento do Imperador no Paço era uma medida imposta pelas circumstancias, e que o Governo Provisorio levára a sua deferencia para com a dynastia deposta ao ponto de conceder-lhe, em nome da Nação, a quantia de cinco mil contos para o seu primeiro estabelecimento na Europa.

Perguntando-lhe eu se o Imperador já tinha sciencia desse acto do Governo Provisorio, foi-me dito pelo mesmo Sr. Quintino Bocayuva, que a resolução acabava de ser tomada alli, mas, que na sala contigua achava-se uma pessoa da casa da Princeza Imperial, que havia sido portadora de uma nota dos compromissos financeiros da casa imperial e do Conde d'Eu, para com um estabelecimento de credito desta praça.

O Sr. Ruy Barbosa accrescentou :
« que o primeiro dinheiro que sahira do

Thesouro da Republica, fôra para pagar a dotação do Imperador correspondente á quinzena vencida na vespera. »

O Sr. Quintino Bocayuva, ainda no intuito de mostrar que os Membros do Governo Provisorio, desejavam ter todas as attentões possiveis para com o Imperador, revelou-me que naquelle momento preocupava-os o assumpto melindrosissimo do embarque da familia imperial que desejariam se effectuasse do modo menos vexatorio para ella, pensando que seria a todos os respeitos mais conveniente que tivesse logar no cões Pharoux, naquella mesma noite; mas, receiavam que o Imperador quizesse embarcar de dia.

Concluo o Sr. Quintino Bocayuva perguntando-me se eu não achava que elle tinha razão em querer evitar o embarque de dia.

Respondi: « penso que, em todo caso, a vontade do Imperador deve ser

respeitada; mas estou convencido que elle preferirá embarcar de noite.»

Nesse momento entrava na sala o coronel Mallet que vinha communicar que o Imperador estava prompto a embarcar immediatamente e que uma lancha do Arsenal de Guerra achava-se no câes Pharoux para conduzil-o a bordo.

Para bem accentuar que os meus sentimentos para com o Imperador e a familia imperial não haviam arrefecido pelo facto de ter soado para elles a hora do exilio, pedi ao Ministro da Guerra que me concedesse permissão para penetrar no Paço, áquella mesma hora, afim de despedir-me dos augustos exilados; mas, como o Ministro a cada momento era solicitado a dar ordens sobre multiplos incidentes que eram levados a seu conhecimento, foi-me necessario insistir no meu pedido, até que conseguí que elle mandasse passar a ordem por escripto, que elle mesmo assignou, para eu

ter entrada no Paço. Se a memoria me não falha, essa ordem foi escripta pelo Sr. Serzedello Corrêa.

No Paço encontrei, no vestibulo da escadaria principal, a Princeza Imperial, o Conde d'Eu e o Principe D. Pedro, todos em trajes de viagem. Dirigindo-me á Princeza referi-lhe as occurrencias que me haviam permittido achar-me alli, tendo desde pela manhã tentado, em vão, por intermedio do almirante Wandenkolk, obter permissão para penetrar no Paço, com o intento de offerecer-me para acompanhar até a Europa a familia imperial, caso nenhuma pessoa da casa pudesse cumprir esse dever, em consequencia da precipitação da partida.

A Princeza, banhada em lagrimas, agradeceu o meu offerecimento e disse-me que os Srs. Conde de Aljezur, Barão de Loreto e Barão de Muritiba com suas senhoras, acompanharião a familia imperial.

A Princeza e seu consorte manifestaram a sua completa annuencia ao embarque áquella hora.

Emquanto o Imperador e a Imperatriz não desciam de seus aposentos, a Princeza, com a mais completa abnegação de si mesma, mostrava-se inconsolavel pelo infortunio com que tinha deparado a velhice de seu pai, que ella suppunha ser verdadeiramente amado por todos os brasileiros.

Queixou-se particularmente de dous dos membros do Governo Provisorio, Deodoro e Benjamin Constant, dos quaes seu pai sémpe fôra amigo.

Referindo-me ao que eu tinha sabido sobre o subsidio de cinco mil contos, a Princeza disse: « seria realmente a maior das ingratidões que, elles sabendo que meu pai é pobre, quizessem que elle fosse morrer de fome no exilio. »

Recordando as scenas delirantes do entusiasmo abolicionista naquelle mesmo

palacio, um anno antes, disse ella : « Ha alguns minutos, passei ao lado daquella mesa, em que o senhor vio-me assignar a Lei de 13 de Maio; pois bem, se aquella lei contribuiu para isto, eu não me arrependerei nunca de havêl-a promovido. »

Nesse entrementes, appareceu a Imperatriz e logo o Imperador.

O coronel Mallet, approximando-se do Imperador, communicou-lhe que tudo estava prompto para o embarque.

O Imperador, que aliás vinha de chapéo na mão, e que até então se mostrára conformado com o embarque áquella hora, segundo eu inferira do que ouvi da Princeza e do Conde d'Eu, respondeu ao coronel Mallet: « Os senhores não têm razão em fazer-me embarcar de noite, como se eu sahisse fugido do paiz: eu quizera sahir do paiz de dia, de cabeça erguida, porque minha consciencia não me accusa de ter dado causa a isto que se está passando. »

O coronel Mallet, respeitosamente, observou que o embarque de dia podia dar logar a manifestações inconvenientes.

O Imperador ainda atalhou : « pois eu não tenho receio de manifestações ; que manifestações ? »

No intuito de evitar que o dialogo se prolongasse, intervim com todo o acatamento que a situação e a veneranda pessoa do Imperador impunham, fazendo as seguintes ponderações : « Senhor, perdoe-me, mas eu creio que Vossa Magestade fará bem de poupar-se do desgosto de atravessar de dia esta praça deserta, porque a tropa não consentirá que o povo se approxime ; Vossa Magestade será objecto de uma curiosidade contida á distancia que nenhuma consolação poderá lhe trazer ; será em summa um espectaculo doloroso para todos. »

O Imperador interrompendo-me disse, meigamente :

« O senhor tem razão... »

Deteve-se por alguns minutos conversando commigo, depois com o general Miranda Reis, despedio-se das pessoas de sua casa que allí se achavam e dando o braço á Princeza, acenou ao Conde d'Eu para que dêsse o braço á Imperatriz e lentamente desceram a escadaria, entre alas de soldados, até o atrio do palacio.

Uma caleça seguida de um piquete de cavallaria conduzio a passo toda a familia imperial até o cáes Pharoux.— O Conde d'Eu, o almirante Tamandaré, o coronel Mallet, o Sr. Callogeras e outras pessoas de que não me recordo e eu, acompanhâmos á pé a carruagem. O largo do Paço estava deserto, guardadas todas as suas avenidas por tropa de infantaria e cavallaria.

Na lancha que conduzio a familia imperial para bordo da *Parnahyba* achava-se o capitão-tenente Serrano.

Eis como por ter-me feito corteção

da ultima hora da monarchia, um escriptor pouco escrupuloso da verdade historica, o Sr. Alberto de Carvalho, em seu pamphleto *Imperio e Republica Dictatorial*, escreveu o seguinte trecho na pagina em que se refere á partida do Imperador para o exilio :

« Dos labios dos seus mais intimos ouvio o tristissimo conselho, sempre profundamente acerbo ao coração do exilado : « Parti, senhor, disse-lhe o Barão de Jaceguay. »

« Palavras d'ora avante historicas ! »

Entretanto, o incidente, narrado por mim ao Sr. Visconde de Taunay, poucos dias depois, havia sido descripto fielmente por S. Ex. em um tocante artigo publicado na *Gazeta de Noticias*. »

A verdade é que o Imperador se conformára com o embarque á noite ; no momento angustioso da partida, porém, era muito natural, mesmo em uma natureza fleugmatica e em uma alma ma-

gnanima como a delle, um movimento instintivo de revolta, movimento que se manifestou por uma ligeira exprobação contra a partida nocturna como se teria manifestado, pela mesma ou por outra fórma, se tivesse de sahir do seu palacio para o exílio a qualquer hora do dia.

Nos tragicos episodios de grandezas decahidas, numerosos na historia, mesmo quando as victimas do destino foram grandes homens, a fragilidade humana sempre se revelou por uma queixa ou um protesto mais ou menos contido.

Eu não tive a honra, que eu reputaria insigne, de ter sido um intimo de D. Pedro II.

Da minha parte havia para com o Imperador um sentimento de profunda gratidão pela benevolencia e animação que dispensou-me em todos os degrãos da minha carreira desde os primeiros exames que fiz em sua presença na Escola de Marinha.

Eu não teria, com certeza, soffrido os desgostos que levaram-me a pedir a minha reforma em 1887, se o Imperador não estivesse, naquella occasião, ausente do paiz, em sua ultima viagem á Europa.

Mas, a verdade é, que só me tornei apaixonadamente monarchista, quando a monarchia fez sua a causa da abolição que foi a aspiração mais ardente de toda a minha vida.

O desinteresse e a sinceridade do meu monarchismo dos ultimos tempos resaltam do facto de só o haver accentuado quando eu já não era official de carreira dependente do Governo, e durante a Regencia contra a qual eu tinha tido justos motivos de queixa.

Na questão abstracta de fórmãs de governo, nunca comprehendí que um espirito cultivado pudesse ter preferencia por esta ou aquella fórma.

O meu temperamento nunca foi de

revolucionario : d'ahi a minha tendencia para conformar-me com as instituições estabelecidas.



Dominado pelo pensamento da grande patria brasileira, eu não posso occultar as minhas apprehensões pelo futuro do Brazil.

Um territorio tão vasto, uma população tão diminuta e tão mal distribuida, o principio da federação desacreditado desde a funesta politica das deposições dos Governadores, para a qual todos os instrumentos e meios foram bons, até os meninos alumnos de uma Escola Militar canhoneando o palacio da Presidencia de um Estado, são causas palpaveis de enfraquecimento da União.

Por outro lado : o credito nacional posto á prova duramente em uma praça estrangeira, o orçamento federal sem

equilíbrio possível contra o peso morto dos compromissos contrahidos por uma dictadura durante a qual fizeram-se promoções de militares aos milhares e emissões de papel-moeda de dezenas de milhares de contos de réis; as graves pendencias externas em que está envolvida a honra nacional, e o paiz desarmado, porque a sua principal defeza é a marinha e essa está aniquilada, são outras tantas difficuldades, que para superal-as talvez não baste o concurso de todas as boas vontades, de todas as capacidades, de todas as experiencias, em uma palavra, de todas as forças vivas da nação.

Entretanto, brasileiros de alto valor, longe de concorrerem com suas aptidões provadas para a solução de todos esses temerosos problemas, conservam-se na attitude de estrangeiros em sua propria terra !

Eu faço-lhes justiça acreditando que na irreductibilidade de suas crenças esses

brazileiros não se acham no estado de aberração patriótica dos emigrados da Revolução Franceza ou dos Jacobitas inglezes, no reinado de Guilherme III, que se regosijavam com as calamidades publicas e com as humilhações da nação.

E' evidente que os males que estamos experimentando são corollarios inevitaveis da revolução, ou effeitos directos de erros commettidos na governação da Republica ; mas diante das devastações e das desgraças de uma inundaçào ninguem tem o direito de cruzar os braços por que tivesse sempre affirmado que seria preciso mudar o curso do rio que a produziu.

O facto inelutavel é a Republica : bem ou mal organisada, mas por homens que a amam, que estão dispostos a defendel-a e que têm os meios de defendel-a.

Nada é mais respeitavel do que uma

convicção evidentemente desinteressada ou a fidelidade a uma causa vencida ; mas, situações ha em que o sacrificio de idéas e de sentimentos não é o maior que a patria tem o direito de exigir de seus filhos.

Se os monarchistas brasileiros estivessem convencidos que a monarchia seria o remedio para todos os males que estamos experimentando, sem produzir outros ainda mais graves ; ou, simplesmente, se os monarchistas brasileiros estivessem convencidos da possibilidade da restauração, a attitudo delles não seria a de systematica abstenção, seria a de um partido organizado e militante.

O proprio almirante Saldanha da Gama, com a abnegação que demonstrou até o heroismo, nunca se declarou francamente restaurador.

Mas o facto de se mostrarem desinteressados pela sorte da Republica alguns brasileiros que gosam de legitimo

ascendente moral, entretém no paiz e fóra d'elle a desconfiança de que a actual fórma de governo do Brazil não é definitiva.

A falta de tranquillidade interna que dahi resulta não me afflige tanto como o consequente desprestigio da Nação em suas relações internacionaes.

As mais profundas commoções intestinas, quando não envolvem o perigo de inversão radical das instituições, não affectam absolutamente a autonomia nacional; todas as vezes, porém, que a fórma de governo está em questão, é raro que influencias estranhas não se julguem com o direito de immiscuir-se nas consequentes contendas civis.

Todos os Estados da America têm sido theatros, em nosso seculo, de sanguinolentas lutas fratricidas; mas, só em um caso a intervenção estrangeira se fez sentir: foi na tragica tentativa da monarchia de Maximiliano, no Mexico.

Em escala menor tivemos um exemplo dentro da bahia do Rio de Janeiro, durante a revolta naval; como se attribuiram ao almirante Saldanha da Gama intuitos de restauração da monarchia, o almirante Benham da marinha Norte Americana, em um momento dado, ameaçou-o de um procedimentò que só seria justificavel contra um pirata em alto mar.

E' ainda do vosso *post scripto*, este conceito ironico:

« Muitos acreditam mesmo que se trata de uma força cosmica, como se o oxigeneo e o azote formassem na America uma combinação especial dotada de vibrações republicanas »

Para mim não é nenhum paradoxo avançar que o clima tanto quanto o sangue influem no temperamento politico dos povos.

A verdade é, que a semente da monarchia trazida ao Brazil nas azas do cy-

clone da Revolução Franceza, no periodo napoleonico da conquista, germinou uma planta que só poude medrar artificialmente enquanto teve para vivifical-a o estrume da escravidão.

Por um phenomeno que eu não sei se algum dia se chegará a explicar scientificamente, o sentimento dominante na raça mestiça americana é o da igualdade.

Como conciliar com esse sentimento a affeição á monarchia que é o privilegio por excellencia?

Os mesmos principes de sangue na atmospherá acre do Novo-Mundo, como que eram invadidos de invencivel nostalgia.

D. Pedro I, por seu espirito cavalheiroso, aceitou o papel de principal instrumento da independencia do Brazil, proclamando-se o seu Defensor Perpetuo e seu Primeiro Imperador; pouco mais de dez annos eram decorridos e elle se

« desquita amigavelmente » ⁽¹⁾ da nação brasileira, ás primeiras contrariedades de seu reinado, « absorvido pelo interesse de assegurar o throno de Portugal á sua filha D. Maria II » ⁽²⁾

Esse estranho desprendimento do throno não será prova de que elle preferia ser um simples Principe no palacio de Queluz a ser Imperador em S. Christovão ?

—As princezas brasileiras, suas filhas, depois que contrahiram nupcias com principes estrangeiros, nunca mais voltaram ao Brazil.

Os filhos dessas princezas nasceram e viveram sempre na Europa.

Dos cinco filhos da princeza D. Leopoldina, fallecida na Europa, só dous vieram para o Brazil, trazidos por seu

⁽¹⁾ *Um Estadista do Imperio* por Joaquim Nabuco — *Revista Brasileira*, de 15 de Agosto de 1895.

⁽²⁾ *Ibid.*

avô, por natural precaução dymnastica, em uma de suas viagens á Europa.

D. Pedro II, sendo o Chefe da Casa de Bragança, nunca recebeu a homenagem da visita de um de seus muitos sobrinhos de Portugal.

Os raros príncipes estrangeiros que appareceram na Côrte do Rio de Janeiro, foram officiaes de marinha que aqui aportaram em navios de guerra em que se achavam embarcados.

Os d'Orléans, banidos da França no reinado de Napoleão III, ambiciosos de glorias militares, foram procural-a na guerra civil norte-americana; entretanto, os príncipes dessa familia que se achavam ligados pelo sangue á familia reinante do Brazil, não se lembraram que a guerra nacional que sustentámos durante cinco annos contra o tyranno do Paraguay, podia-lhes haver proporcionado um baptismo de fogo glorioso.

Finalmente, o proprio D. Pedro II,

no ultimo periodo de seu reinado, foi objecto de assombro de todo o mundo civilisado pela despreocupaçãõ com que emprehendia as suas longas viagens, unicamente para satisfaçãõ de seus gostos de « turista ».

Nãõ fõra a enfermidade que affligio os ultimos tres annos de sua existencia que elle teria proseguido na sua fantasia de « globe trotter » — pois já projectava uma excursãõ—á volta do mundo.

E' preciso convir que os principes das estirpes regias da Europa eram uns « dépayés », nesta nossa America.

Temos, pois, que nos arranjar com a prata de casa, núa, embora, dos labores da arte européa.

Mas entre a adhesãõ pressurosa e interesseira á instituiçãõ vencedora e a collaboraçãõ leal para o seu funccionamento regular, quando se reconhece que de outro modo nãõ se poderia provêr a necessidade capital da sociedade, que é a

de — Governo —, entre esses dous procedimentos ha um abysmo tão profundo como o que separa a vileza da abnegação.

Entre a intransigencia de Victor Hugo exhilando-se voluntariamente durante o reinado de Napoleão III, e a moderação de Thiers accitando um logar no corpo legislativo do Imperio, a orientação verdadeiramente patriotica foi incontestavelmente a do antigo ministro de Luiz Philippe.

Houvesse o velho estadista se incompatibilisado absolutamente com as instituições napoleonicas e elle não teria mais tarde podido prestar á França o immenso serviço pelo qual foi acclamado o libertador do territorio nacional; ao passo que o genio do poeta inexoravel dos *Chatiments*, apenas serviu á republica para decorar o seu senado.

Para mim é tão justificavel o sentimento que dictou á Guizot e á Emille Olivier o retrahimento absoluto da scena

politica, a que se condemnáram, esmagados pelos acontecimentos que provocaram ou que simplesmente não souberam prever e evitar, quanto desprezível a versatilidade de um Benjamin Constant aceitando um logar no conselho de estado de Napoleão nos Cem Dias.

Mas, haverá sociedade politica possível, onde nas classes cultas cada um julgar-se livre de pautar os seus deveres para com a Patria pelo seu ideal de fórma de governo e pela sua concepção da legitimidade do poder publico?

A historia nos apresenta mais de um exemplo de que esse estado dos espiritos é pródromo infallivel da anarchia ou do despotismo de um homem ou de uma facção.



Eu não sei que valor dará o publico ás minhas observações sobre o exotismo da monarchia na America, e aos meus

votos pela concordia de todos os brasileiros que, pelas suas luzes podem contribuir para a consolidação da Republica, que é o problema que me preoccupa, porque de sua solução depende o porvir da grande nacionalidade, apenas esboçada, do Brazil.

Tenho, porém, a certeza que para o brasileiro illustre, a quem dedico estas linhas, ellas terão ao menos o merito de serem sinceras e desinteressadas.

Na intimidade em que temos convivido ha longos annos, pudestes conhecer que todas as minhas ambições limitaram-se á esphera da minha profissão, e que essas ambições ficaram satisfeitas em idade em que muitos homens ainda não têm começado a sua carreira.

Joven official de marinha, eu aspirava naturalmente ao commando; aos vinte e poucos annos eu já commandava na guerra e no mar os principaes navios da armada.

Aos trinta e cinco annos eu era general; como general naveguei, tive uma missão diplomatica no cumprimento da qual fiz a volta do globo, tomei parte nos conselhos superiores da marinha, administrei o seu principal arsenal e commandei a mais bella esquadra que já se reuniu no Brazil.

Ao retirar-me do serviço activo recebi de meus camaradas uma demonstração de estima que só o recordal-a ainda hoje me commove; a nobre mensagem pela qual exhortavam-me a desistir da minha resolução de reformar-me, aquelles mesmos a quem a minha reforma aproveitava pelas vagas que abria em todos os gráus da hierarchia até o de chefe de esquadra.

A politica nunca teve fascinações para a minha imaginação; ou, antes os processos pelos quaes geralmente se conquistam as suas eminencias, repugnavam ao meu character.

E' uma carreira que, para o maior numero, assemelha-se ao *sport* da montanha russa—em que o vehiculo começa descendo para poder elevar-se.

Mas, apezar de não ter pretensões politicas não devo por uma reserva obstinada autorisar equívocos sobre as minhas opiniões; por isso trouxe para a arena da publicidade as razões que tantas vezes tenho produzido em nossas controversias intimas, que me fazem aceitar convictamente como definitiva a fórmula republicana para o governo do nosso paiz.

Deploro sinceramente a persistencia das vossas generosas illusões, mas nutro a esperança de que a phase de governo civil, constitucional, honesto e patriótico, do integro Sr. Prudente de Moraes não será ephemera e dissipará as vossas apprehensões sobre a capacidade dos brasileiros para a Republica.

E assim como sois republicano no

Chile, na phrase do Dr. José Verissimo, eu espero que, transpondo os Andes, ainda vireis illustrar o novo regimen politico do Brazil com esse nome venerado com que vosso pai illustrou o antigo.

Rio, 2 de Setembro de 1895.

A. Jaceguay.